

A oração, caminho para a perfeição

Introdução ao “Caminho de perfeição” de Santa Teresa de Jesus

Assim intitula Teresa:

“Este livro contém avisos e conselhos que Teresa de Jesus dá às irmãs religiosas e filhas suas dos mosteiros que, com o favor de Nosso Senhor e da gloriosa Virgem Mãe de Deus... fundou. Dirige-se em especial às irmãs do mosteiro de São José de Ávila... e do qual ela era priora quando o escreveu”.

I. Na periferia do Livro: o contexto histórico

O ambiente oracional espanhol do século XVI e a tensão polêmica no Caminho

O século XVI espanhol se pode definir como um século de fé. Toda as dimensões da sociedade são marcadas pelo religioso. A Espanha havia conseguido a unidade depois de conseguir expulsar o Islã, com a tomada de Granada por Isabel, a católica; desde 1517, com o protestantismo na Alemanha há um novo risco para o império espanhol, criando perturbação na convivência pacífica dos espanhóis nesta época e um clima de temor, de insegurança e de tragédia.

Havia o perigo dos conversos, procedentes do Islã ou do Judaísmo, muitos deles batizados por conveniências sociais mais que religiosas. Lembramos que na Espanha, religião, raça e sangue, se identificavam; por isto, ao buscar a «limpeza de sangue» esbarra-se na limpeza da religião, neste caso a religião cristã. O racismo por motivos religiosos alcança na Espanha uma especial virulência, o grande fantasma do Protestantismo. Junto com o Protestantismo vieram os contemporâneos em duas grandes correntes que fazem uma referência concreta à oração: o *Erasmismo* e os *Alumbrados* ou abandonados.

O *erasmismo* é uma atitude existencial, uma práxis religiosa e espiritual, crítica diante de uma tradição religiosa de então (ritualista e exterior) e a busca da verdadeira religiosidade nas fontes, ao «cristianismo interior», contraposto às cerimônias, aos ritos vazios, ao mero cumprimento de preceitos. Os *alumbrados* por sua vez tem um a grande gama de expressões e que são muitas vezes confundidos. Cumprem algumas práticas de oração mental. O alumbradismo pode ser definido como uma seita de cristãos que, fundados no direito à sua consciência individual que desejando encontrar-se com Deus, iniciaram uma série de práticas religiosas e morais sustentadas em princípios afirmados no Protestantismo, no erasmismo e no gnosticismo. Misturavam as idéias do cristianismo interior, do desprezo da oração vocal; praticavam a oração mental sob a forma do «recolhimento», dando muita importância aos fenômenos extraordinários da mística. Nos últimos graus da Perfeição acreditavam-se libertados por Deus, e transcendiam toda lei e toda norma; De modo que, quando a alma estava unida a Deus, tudo quanto o corpo realizava não tinha nenhum conteúdo pecaminoso.

Estas correntes de pensamento colocavam em perigo a ortodoxia oficial e a unidade da fé. E surgem pouco a pouco os diferentes mecanismos de defesa: a Inquisição com seus instrumentos de condenação e morte, a censura prévia das publicações. O processo reprovatório culmina em 1559, quando Felipe II ordena a volta dos espanhóis que estudavam

no exterior, proíbe a saída da Espanha para ir estudar fora, quando publica o *índice de livros proibidos* do Inquisidor Fernando de Valdés, e é encarcerado o Arcebispo de Toledo, Bartolomeu de Carranza, como suspeito de heresia, e são queimados vivos alguns hereges depois dos solenes e públicos «autos de fé».

Diante destes fatos, o espanhol, sobretudo o povo orante, se atemoriza. Oficialmente ensina-se ao povo o caminho reto da vida ascética e da oração vocal, e a evitar os caminhos extraordinários da mística com seus elementos acessórios de visões, revelações, locuções, estigmas, etc. Multiplicam-se os casos de monjas e «beatas» enganadas por satanás. A mesma Santa Teresa se debateu durante muitos anos na angústia de não saber se os fenômenos extraordinários que sentia em sua alma procediam de Deus ou eram do «demônio», como ela mesma nos confia em sua *Autobiografia* (cc 23ss). No *Caminho* afirma: «andar com medo nesse caminho pode prejudicar» (C 22,3).

Santa Teresa é uma testemunha excepcional de seu tempo e refere-se com frequência no *Caminho de Perfeição* à dramática situação na qual se debate a Espanha neste período. Algumas de suas descrições são verdadeiras definições do ambiente, dos comentários do vulgo, frases petrificadas nos volumes de suas obras. Por exemplo, a seguinte:

«Voltando agora aos que desejam seguir pelo caminho da oração e não parar até o fim... Digo que muito importa, sobretudo, ter uma grande e muito decidida determinação de não parar enquanto não alcançar a meta, venha o que vier, aconteça o que acontecer, sofra-se o que se sofrer, *murmure quem murmurar, mesmo que não se tenham forças para prosseguir, mesmo que se morra no caminho ou não se suportem os padecimentos que nele há, ainda que o mundo venha abaixo*. E quantas vezes, não acontece de ouvirmos dizer: "Há perigos", "Fulana por aqui" se perdeu", "A outra se enganou", "Aquele que rezava muito, caiu", "Prejudicam a virutde", "Não é para mulheres, pois poderiam ter ilusões", "melhor será que fiem", "não têm necessidade dessas delicadezas"» (C 22,1).

Em alguns textos do *Caminho* explicita mais seu pensamento e refere-se expressamente aos perigos que aparecem no exercício da *oração mental*. «Há muitas pessoas, na verdade, a quem o simples termo *oração mental* ou *contemplação* parece atemorizar» (C 24,1), e tira de sua própria experiência conclusões que não se identificam com as opiniões dos «letrados» e até mesmo dos inquisidores. «Que é isto, cristãos? entendeis isso? Que queira dar voz e disputar - sendo quem sou - com os que dizem que não é preciso *oração mental*» (CE 37,2).

Teresa é um vulcão de experiências sobre a *oração mental* e sabe explorá-las com efusão e com um grafismo admirável: «Mas, que coisas se oferecem em começando a tratar deste caminho! Oxalá pudesse eu escrever com muitas mãos para que umas e outras não se esquecessem!» (CE 34, 6). Em Teresa se impõe a intuição sobre a ciência e descobre, em uma argumentação linear, que também em outros caminhos há perigos; e chega a afirmar que incitar ao medo pode ser uma armadilha do demônio. «Que coisa estranha! O mundo se espanta mais com um dos que estão mais perto da perfeição que se engane do que com cem mil que de fato estão mergulhados em enganos e pecados públicos - como se o demônio não tentasse os que seguem o caminho da oração» (C 39,7). «O demônio parece ter inventado esses temores, tendo com suas manhas, ao que parece, derrubado algumas pessoas de oração» (C 21,7).

Em conclusão, aconselha aos orantes a não fazer caso de nada, nem sequer dos teólogos. «Tornando ao que dizia, *nenhum caso façais dos medos que eles puserem nem dos perigos que eles pintarem*» (CE 36,1). «Tende aquele que vos disser que isso é um perigo pelo próprio perigo, e fugi dele; e não vos esqueçais deste meu conselho» (C 21,7). «Desse modo, irmãs, - concluía o capítulo -, não considereis esses medos; nunca façais caso, em coisas semelhantes, da opinião comum. Vede que estes não são tempos de se acreditar em todos, mas naqueles que virdes seguir a vida de Cristo» (C 21,10).

Assim superou com coragem o medo do ambiente e voltou amável e animada ao exercício

da oração mental. Ela, com o carisma profético que lhe era próprio, resolveu as dificuldades que pareciam insuperáveis. Hoje, melhor que nunca, julgamos o acerto de sua intuição. Repete que para fazer oração é necessário «ter uma grande e muito decidida determinação» (C 21,2; cfr. 19,2 e 20,2).

Em síntese, Teresa “no *Caminho* polemiza muito contra letrados opositores da oração mental. Especialmente contra os que querem proibi-la para as mulheres, pois o ambiente é antifeminista. Opõe-se à tese dos que tacham de perigo o caminho da oração: (c. 21). Assegura as suas leitoras que embora lhes tirem os livros de oração, ninguém poderá arrebatá-lhe o livro por excelência, o Pai nosso. E terminava a redação do *Caminho* censurando como falsos profetas os opositores: *rezar vocalmente: ninguém vos poderá tirar a oração vocal, nem tampouco obrigar-vos a rezar o pai nosso correndo sem entender. Se alguma pessoa o tirar ou vos aconselhar a isso, não creiais; tende certeza de que é falso profeta e vede que nestes tempos não se deve crer em qualquer um, pois até nos que vos podem aconselhar não deveis temer, não sabemos o que está por vir* (CE 73,1). Por demasiado atrevida, omitirá essa sentença na 2ª redação. Porém todo o livro fica impregnado de tensão”.

II. Composição da obra

Teresa redigiu o *Caminho* duas vezes. Conservam-se as duas cópias autografadas.

A **primeira**, sem divisão de capítulos, na Biblioteca do **Escorial** (CE).

A **segunda**, já em forma de livro dividido em capítulos, nas Carmelitas descalças de **Valladolid** (CV).

Local e data de composição

Ambas foram escritas no nascente Carmelo de São José de Ávila, provavelmente em 1566, depois de terminar a segunda redação do *Livro da Vida* (final de 1565).

Motivos por tê-los escrito duas vezes:

1. Dar-lhe forma de livro, de mais fácil leitura em sua comunidade;
2. Ater-se às indicações do teólogo amigo, que revisou o manuscrito e apagou numerosas passagens (entre elas, a famosa apologia das mulheres no capítulo 3º);
3. Reduzir o tom coloquial e confidencial da primeira redação, reduzindo o texto no que diz respeito às comparações, alusões polêmicas e de referências à própria experiência religiosa.

Novas correções

Depois da segunda redação, Teresa submeteu à revisão de teólogos censores; estes apagaram numerosas passagens; arrancaram numerosas folhas (por exemplo, a comparação do jogo de xadrez com a humildade, no atual capítulo 16: arrancou-se cinco páginas, substituída por apenas uma).

Difusão do livro

Após fundar novos conventos (1567 em diante...), Teresa faz com que o copiem; porém saíam com muitos erros...

Pede a ajuda do amigo, bispo de Lisboa, d. Teutônio de Bragança, que vai bancar financeiramente a impressão; a edição será feita em Évora (Portugal) custeada pelo amigo.

Escreve-lhe a Santa (22 de julho de 1579): *Na semana passada escrevi longa carta a Vossa senhoria remetendo-lhe o livrinho... só escrevo por me ter esquecido de suplicar a vossa senhoria que a Vida de nosso Pai Santo Alberto, que vai num caderninho, a mande Vossa senhoria imprimir juntamente com o mesmo livro* (carta 305,1).

A censura em Lisboa foi minuciosa e demorada (3 anos); teve que tirar o capítulo 31, onde fala da oração de quietude; foi aprovado para impressão em 1580; mas o livro só será impresso em fevereiro de 1583, 4 meses após a morte de Teresa...

As 3 primeiras edições

Tinham o seguinte título: *“Tratado que escreveu a Madre Teresa. Às irmãs religiosas da ordem de nossa Senhora do Carmo, do mosteiro do Senhor são José de Ávila...”*.

Era um pequeno livro de 143 folhas (286 p.), cujas três primeiras edições foram as de fr. Jerônimo Gracián (Salamanca 1585); o patriarca de Valência são João de Ribera (Valência 1587); e frei Luis de León (Salamanca 1588).

As edições fac símile foram as do códice do Escorial, publicado em edição fotolitográfica por dom Francisco Herrero e Bayona (Valladolid 1883); a do códice de Valladolid, por Tomás Alvarez e Simeão da Sagrada Família na Tipografia Poliglotta Vaticana (Roma 1965) e a do Códice do Escorial, em 2010; ed. Monte Carmelo, Burgos.

Existem **cópias ou transcrições do original (apógrafos)**, pois já no tempo da autora o *Caminho* teve normal difusão nos Carmelos fundados por ela. Era o livro de formação segundo o espírito e o estilo da fundadora. Ela mesma interessava-se freqüentemente na revisão dessas cópias, feitas às vezes, precipitadamente, lamentando-se dos *lapsus* e erros apresentados pelos amanuenses improvisados. Possuímos três cópias retocadas pela própria santa.

São as de *Madri, Salamanca e Toledo*.

1. Cópia de Madri

A primeira das três é conservada no Carmelo madrilense ‘de Santa Teresa’. É um códice precioso, encadernado com capas de prata, letra nítida, bem apta para a leitura comunitária, com numerosas correções do texto feitas pela Santa, que na página final autentica assim a cópia: *Este livro tem cento e oitenta e três folhas* (na realidade, somente 83)... *É translado de um*

escrito por mim em São José de Ávila... e por ser verdade assino com meu nome: Teresa de Jesus, carmelita.

2. Cópia de Salamanca

Um pouco posterior é a cópia de Salamanca (*este traslado foi feito em 1571, está anotado no colofão*). Revisado e corrigido totalmente por ela, que escreve abaixo do colofão: *revisei este livro: parece-me estar conforme ao que escrevi e foi examinado pelos letrados... Neste mosteiro de nossa Senhora da Assunção do Carmo, nesta vila de Alba de Tormes aos 8 dias de fevereiro de 1573. Teresa de Jesus carmelita.*

3. Cópia de Toledo

A cópia mais interessante entre as corrigidas por Teresa está a conservada pelas carmelitas de Toledo. Realizada no início de 1579 por um amanuense letrado que toma liberdades na manipulação literária do texto. Nesse mesmo ano é corrigida pela Santa, que introduz nele centenas de retoques e anotações para preparar a primeira edição do livro.

III. Caminho de Perfeição: esquema da obra

Concluindo o livro escreve:

“Vede agora, irmãs, como o Senhor me poupou trabalho ensinando-vos, e a mim, o caminho sobre o qual comecei a falar-vos. Ele me deu a entender o muito que pedimos quando dizemos essa oração evangélica; seja bendito para sempre, pois é certo que jamais me tinha vindo ao pensamento a existência nela de tão grandes segredos. ... Como vistes, essa oração encerra em si todo o caminho espiritual, desde o princípio até o ponto em que Deus engolfa a alma e dá-lhe de beber abundantemente da fonte de água viva que, como eu disse, se encontra no fim do caminho.” (42,5)

a. Esquema por partes

I. "Gran empresa": o carisma (1-3)

Significa ser bons amigos de Jesus; Formar comunidade; Olhar para a realidade eclesial/social em chamaz; Comunidades contemplativo-apostólicas ao serviço do Reino.

II. Pressupostos para a vida de oração ou "virtudes grandes" (4- 25)

"Cosas tan necesarias": A *humildade-verdade* faz livre (*desapego*) para *amar*. Isto exige a reestruturação da pessoa, a qual deve empenhar-se perseverantemente, com "*determinada determinación*".

III. Oração: natureza, desenvolvimento, exigências (26-35)

A oração em suas diversas formas e o modo teresiano de oração, que é a oração de recolhimento; a comunhão eucarística é o momento privilegiado para esta oração.

IV. Efeitos da oração-contemplação (36-42).

Amor que se faz perdão; vigilância; humildade verdadeira e falsa; amor e temor; afabilidade;

b. Esquema tendo como base os capítulos:

I. O Ideal do Carmelo de Teresa

1. Seguir e servir a Cristo
2. Pelo caminho da pobreza evangélica
3. Oração como serviço à Igreja
4. Um programa de vida exigente (cap. ponte)

II. Caminho de ascese e comunhão

5. O amor aos confessores
6. Sobre o amor perfeito
7. Educar ao amor comunitário
8. O *desapego*:
9. Dos parentes
10. De si próprio
11. Nas doenças
12. A *humildade* e a honra
13. Os pontos de honra
14. Exigências vocacionais para o Carmelo de Teresa
15. Humildade e obediência

III. As grandes virtudes dos contemplativos

16. Oração, contemplação e virtudes
17. Unidade entre oração e serviço por amor
18. Grandes virtudes

IV. Os preâmbulos ao caminho da oração

19. A oração – comparada à água
20. Chamado universal à oração
21. A determinada determinação
22. A oração mental
23. Perseverança
24. Oração vocal unida à mental
25. Acompanhar a Jesus
26. O modo teresiano de oração; alguns conselhos práticos;

V. O caminho da oração no Pai Nosso

27. Dimensão trinitária da oração – “Pai’
28. Rumo ao recolhimento – “nos céus”
29. Recolhimento
30. “Santificado seja vosso nome, venha a nós o vosso Reino”
31. O Reino dentro de si: Oração de quietude
32. O valor da oração – “faça-se vossa vontade”
33. O pão quotidiano: a Eucaristia
34. Comunhão e recolhimento
35. Oração eucarística

36. O amor ao perdão – “perdoa nossas dívidas”
37. Efeitos na vida
38. Tentações – “não nos deixeis cair em tentação”
39. Na tentação: a verdadeira e a falsa humildade
40. Amor e temor
41. Vencer o temor com o amor: ser acolhedor e afável
42. “Livrai-nos do mal. Amem”.

IV. A ORAÇÃO: CAMINHO PARA A PERFEIÇÃO

O tema central do *Caminho de perfeição* é a oração. Para Teresa é clara a intenção da reforma e fundação dos mosteiros: a partir da vida orante pessoal e comunitária ajudar a Igreja e sua missão apostólica.

A pedagogia teresiana da oração é a tradução, na prática da sua experiência oracional. Por isso sua experiência se transforma em mistagogia. Por isso nas páginas que escreve, eleva muitas vezes orações e convida o leitor a fazê-lo, como por exemplo no capítulo I.

Nos capítulos 1 e 3, Teresa apresenta o *objetivo da oração*: serviço à Igreja e que seja a meta de vida do orante.

A seguir, na primeira linha do cap. 4 apresenta o que é necessário fazer: “Já vistes, filhas, o grande empreendimento a que desejamos nos dedicar. *Como havemos de ser...?*” Por isso, no processo de *ser tais* (recriação do eu - perfeição), são necessárias poucas coisas:

“Só me alongarei em falar de três, que são parte da mesma Constituição, porque é muito importante percebermos o grande proveito de guardar essas coisas para ter a paz interior e exterior que o Senhor tanto nos encomendou. A primeira é o amor de umas para com as outras; a segunda, o desapego de todo o criado; a terceira, a verdadeira humildade – que, embora tratada por último, é a principal, abarcando todas.” (4,4).

1. Amor (cc. 4.6-7)

Características do amor “puro espiritual”, “virtuoso” c. 6-7:

a) *libertador* das servidões do egoísmo ou de uma liberdade frágil; não é possessivo, fechado... é um amor que liberta e dinamiza a pessoa para a união com Deus.

Escreve: “pois estas grandes amizades raras vezes se ordenam para amar mais a Deus... Logo se conhece a amizade que quer servir Sua Majestade, pois não é levada pela paixão, mas procura ajuda para vencer outras paixões.... Eu gostaria que houvesse muitas destas amizades nos grandes conventos... (4, 6).

b) *desinteressado*, *gratuito*, “sem buscar o próprio interesse” (7, 1). Só olha o bem do próximo... ou para servir a Cristo crucificado” (4M 2, 10). Amor que “imita o capitão do amor, Jesus” (6,9). *Gratuito*, pois deseja até livrar dos trabalhos do amigo e o “mérito e os ganhos do padecer pudessem dar todos a ele” (7, 3).

c) *Crítico*, pois a correção fraterna ocupa um lugar de destaque.

“Seu coração não consegue tratar o amigo com fingimento, porque, quando o vê seguir caminho errado ou cometer alguma falta, logo lhe diz, sendo-lhe impossível agir de outro modo. Se não vê o amigo corrigir-se, quem ama assim não usa de lisonjas nem dissimula nada: ou ele se corrige ou a amizade acabará; porque, sem isso, a situação fica insuportável e

não deve ser suportada. Para um e outro, é guerra contínua, já que essas almas, alheias ao mundo, sem se preocupar em saber se nele se serve ou não a Deus, e que cuidem só de si, não podem se descuidar nem deixar passar coisa alguma na vida dos seus amigos, vendo até as falhazinhas. Afirmando que quem assim ama traz pesada cruz" (7, 4). Um amor que ajuda a crescer.

d) *teologal*, pois está diante da verdade de Deus e da pessoa, como princípio e meta. Diz Teresa: "Estas pessoas" "não se contentam a amar os ...corpos, por belos que sejam...ou pelos muito dotes que possuem ... aprazíveis à vista ... para *deter-se neles*; digo *deter-se*, de maneira que *por* estas coisas lhes tenham amor... quando amam, vão além dos corpos e põem os olhos nas almas, vendo se há o que amar..."

2. Desapego (cc. 8-14)

Temos que entender este termo à luz do seu antônimo, apego: é "abraçar-se ao Criador somente" (8, 1), "determinadamente abraça-se a alma com o bom Jesus" (9, 5). Esta negação tem seu valor quando se abre a três círculos concêntricos de fora para dentro: o relacionamento com as pessoas, com o próprio corpo, da imagem própria, "a miserável honra", que seria a negação amistosa do reconhecimento e aceitação do outro; "Ladrão de si mesmo" e dos outros" (10, 1).

3. Humildade (cc. 15-17)

Teresa não vê claramente os limites entre o desapego-liberdade e a humildade; "Entra aqui a verdadeira humildade, pois esta e aquela [desapego] virtude andam, ao meu ver, sempre juntas; são duas irmãs inseparáveis. Desses parentes eu não vos aconselho a fugir, mas a abraçá-los e a amá-los, nunca estando sem eles." (10, 3). Concretiza no título do c.17: "o verdadeiro humilde deve ir contente pelo caminho que Deus o levar", tendo em vista o fim do caminho que é "servir ao Hóspede" (17, 6). No livro das *Moradas* apresentará maiores razões pelo encarecimento desta virtude: Deus é "tão amigo desta virtude da humildade" porque "Deus é a suma verdade e a humildade é andar na verdade", "dando a Deus o que é seu e a nós o que é nosso, procuremos tirar de tudo a verdade". Assim, "andemos na verdade diante de Deus e das pessoas" (6M 10, 7-8).

4. O fim da oração

"Todo lo que he avisado en este libro va dirigido a este punto de darnos del todo al Criador" (32, 9). ...
"para que [Dios] pueda poner y quitar como en cosa propia" (28, 12).

O exercício das virtudes, tem como objetivo adquirir as características do homem-mulher novos, à luz de Cristo, o Homem Novo. Poder-se-ia exprimir assim: humildade-verdade faz livre para amar.

Para conseguir isto, é necessário ter uma "determinada determinação" (23,2; c. 21 e 23), que significa atitude vital, orientação da vida a um fim último: a adesão à pessoa de Cristo, que ensina Teresa a rezar no recolhimento interior (29,7); o orante deve acostumar-se a esta presença interior de Cristo e ir "fechando atrás de si a porta a todas as coisas do mundo" (29,4). A oração que Teresa ensina no Caminho, é uma realidade dinâmica, aberta ao

crescimento e à conquista de novas metas e uma contínua aventura (28,5; 29,8).

Teresa não ensina um método fechado de oração; o que importa para ela é a Pessoa de Jesus; por isso a essência da oração cristã é o diálogo interpessoal, um dialogar com Deus (C 22,1-3), onde os sujeitos envolvidos tem a primazia e são a base de compreensão e de realização da oração em ato.

A oração de “recolhimento”, à qual Teresa dedica os cc. 26-29 possui uma riqueza muito grande. Assim podemos dizer que nela há como que dois movimentos ou momentos:

1. Introduzir, fazer Cristo presente em nossa oração (26,1), ...a verdade teológica assume consistência e se faz presente à consciência do orante... com simplicidade e o convite feito é: “olhai-O”... (26,4-6).
2. Recolher-se, significa “entrar dentro de si” (28,4; cc. 28-29), deixando as amarras do mundo exterior para viver em comunhão com a riqueza imensa que traz dentro de si: é morada de Deus!

5. Os frutos da Oração

1. atenta *vigilância*: "vendo [Jesus] que era preciso que andasse atentos....pois tem inimigos ..." (37, 10).
2. capítulos (38-39) sobre as *tentações dos orantes*. Não desejam ser libertos dos "trabalhos, nem das tentações, perseguições, lutas..., é outro efeito de ser espírito do Senhor e não ilusão" (38, 1). ... outros inimigos "muy traidores" "que vienen disfrazados" e "que nos andan bebiendo la sangre y acabando las virtudes, y que nos "esconden la luz y la verdad" (2). Por exemplo "crer que temos virtudes não as tendo" (4).
3. No capítulo 38 afirma que "o *verdadeiro humilde* sempre anda duvidoso das próprias virtudes e ordinariamente lhe parecem mais certas as que vê nos outros";
4. dedica uns números do capítulo seguinte às "humildades falsas" diante dos próprios pecados; a *verdadeira humildade* "não inquieta, nem desassossega, não perturba a alma..., mas vem com a paz e sossego ...deixa a pessoa hábil para mais servir a Deus" (39, 3).
5. 40-41: sobre o *amor e o temor* como frutos da contemplação: "Amor e temor: pois o amor nos faz apressar os passos; o temor nos fará ir olhando onde colocamos os pés para não cair ..." (40, 1).
6. Para discernir o *amor verdadeiro*: "existem sinais que até os cegos enxergam. Eles não são secretos e, mesmo que não os desejeis entender, fazem muito ruído, destacando-se por não serem muitos os que os têm com perfeição. ... Aqueles que de fato amam a Deus amam tudo o que é bom, desejam tudo o que é bom, estimulam tudo o que é bom, louvam tudo o que é bom. Aos bons se unem sempre, favorecendo-os e defendendo-os; não amam senão a verdade e as coisas verdadeiramente dignas de amor..."
7. Conclui: "quanto mais santas, tanto mais afáveis nas conversas com as irmãs. E, mesmo que vos sintais contristadas quando os assuntos de suas conversas não forem o que mais desejaríeis, nunca vos esquiveis se quereis ser úteis e amadas. Com efeito, isto é o que devemos procurar com ardor: ser afáveis, agradar e contentar às pessoas com quem lidamos, em especial nossas irmãs.(7)
8. o desejo do encontro definitivo com o Amigo. "Ó Senhor e Deus meu, livrai-me já de todo mal e dignai-Vos levar-me ao lugar onde se encontram todos os bens! Que esperam ainda aqui aqueles a quem destes algum conhecimento do que é o mundo e os que têm viva fé do que o Pai Eterno lhes tem reservado? Pedir isso com veemente desejo e grande

determinação é para os contemplativos um poderoso sinal de que são de Deus as graças que recebem na oração. Assim, os que o forem, tenham-no em grande conta." (42, 3).

6. Jesus, Mestre e Amigo: modelo de perfeição

O *Caminho de perfeição*, verdadeiro tratado de vida espiritual, "encerra todo o caminho espiritual, desde o início até o ponto de engolfar em Deus a alma, dando-lhe de beber abundantemente na fonte de água viva" (42, 5).

É um chamado a centrar a vida em Cristo, "que nunca se defendeu" (35, 3), "que tudo cumpriu" (3, 8), e que "agora" "tão apertado o trazem" (1, 2). "Os olhos em vosso Esposo" (2, 1), "bons amigos" (1, 2) podem ser algumas recomendações para vida para "pessoas escolhidas" defensoras da obra de Jesus. Sua vida foi "uma contínua morte" (42, 1); ele é o "capitão do amor" (6, 9), mostrou-nos o amor "com tantas obras" (42, 7). Jesus "em troca, para fazer vossa vontade [do Pai] e de fazê-la por nós, deixar-se-á fazer-se em pedaços a cada dia" (33, 4).

Teresa abre-nos a compreensão e alcance significativo da Eucaristia: Jesus pede ao Pai que este "hoje" da história "o deixe passar na servidão", sinal supremo de amizade: "estar aqui conosco para maior glória de seus amigos" (34, 2).

"Desposados todos com Ele no batismo" (CE 38, 1), "ou somos esposas de tão grande Rei ou não..." (13, 2), vivemos para "morrer por Cristo" (10, 5). Não desvirtuemos a cruz de Cristo exigindo que esteja "conforme a razão" quando nenhuma razão havia "para que Ele sofresse" (13, 1). Mesmo quando, de longe nos aproximemos do que ele sofreu por nós (15, 7), "qual seria melhor amizade querer para si o que ele quis por nós?" (17, 7). Dado que "todo dano nos vem de não ter os olhos em Vós" (16, 7), abracemo-nos "determinantemente a Ele" (9, 5).

Na comunidade, cada membro deve olhar com atenção que "tudo seja servir ao Hóspede" (17, 6). Quando se formam grupinhos ["bandillos"] ou se fomenta o "desejo de ser mais, ou pontinhos de honra", "temam que expulsaram o Esposo de casa" (7, 10).

"Bendito e louvado seja o Senhor, de Quem nos vem todo o bem que falamos, pensamos e fazemos. Amém." (C 42,7)

BIBLIOGRAFIA

T. Alvarez, *Caminho de Perfeição*, em Dicionário de Santa Teresa. S. Paulo Ed.Carmelitanas/LTr.

----- 100 Fichas sobre Santa Teresa (fichas 71 a 75 – trad. Fr. Antonio Perim)

CiTeS, *Camino de perfección de Santa Teresa de Jesús*; apuntes para uso de los alumnos. Ávila, 2006.

Daniel de Pablo Maroto, *Introdução histórica ao caminho de perfeição*. EDE Madrid

Maximilano Herraíz, *Guías de lectura de santa Teresa de Jesús y san Juan de la Cruz* (México, ed. Santa Teresa 2005).

Santa Teresa de Jesús, *Caminho de perfeição*, Tomo I - reprodução Fac símile do autógrafo de Valladolid. Tipografía poliglota Vaticana, 1965. Folha clxxxii. Ed. Tomás Álvarez (abaixo).

quien de veras amã a
a dios todo lo bueno amã todo lo
bueno quieren todo lo bueno fa

quien de veras amã a .

a dios todo lo bueno amã todo lo
bueno quieren todo lo bueno fa

clxxxii

favorecen todo lo bueno loa cõ
los buenos se juntan siemp y
los favorecen y defienden /no
amã sino verdades y cosa q sea
dina de amar pen fazi q es po
sible quien muy de veras ama
a dios ama vanidades ni pu/e
de ni rriças ni cosas del mundo
de deleytes ni onrras ni tiene
contien das ni en bi dias todo
por q no pre ten de otra cosa sino
con ten se a el amado andan
muriendo por q lo aman y si
ponen la vida en entender co
mo le agrada mas / asconder
se q el amor de dios si de veras
es amor es yn posible sino mi
ra vn san pablo vna madalena

favorecen todo lo Bueno loa cõ

los buenos se juntan siempre y

los favorecen y defienden /no

amã sino verdades y cosa q sea

dina de amar pensays q es po

sible quien muy de veras ama

a dios amar vanidades ni pu/e

de ni rriças ni cosas del mundo

de deleytes ni onrras ni tiene

contien das ni envidias todo .

por q no pretende otra cosa cosa sino

contentar a el amado andan .

muriendo porq los ame y ansi

ponen la vida en entender co

mo le agrada mas / asconder

se v q el amor de dios si de veras

es amor es yn posible si no mi

ra vn san pablo vna madalena

“Aqueles que de fato amam a Deus amam tudo o que é bom, desejam tudo o que é bom, estimulam tudo o que é bom, louvam tudo o que é bom. Aos bons se unem sempre, favorecendo-os e defendendo-os; não amam senão a verdade e as coisas verdadeiramente dignas de amor.

Pensais que quem ama genuinamente a Deus possa amar vaidades? Não, tampouco podendo amar riquezas, coisas do mundo, deleites, honras, ou ter contendas ou invejas. Tudo porque não pretende senão contentar o Amado. Desejando ardentemente ser amado por Ele, empenha a vida em entender como agradá-Lo mais. Acaso pode esse amor esconder-se? Nunca, o amor a Deus — se de fato é amor — não pode ocultar-se. Senão, olhai um São Paulo, uma Santa Madalena... (Caminho, 40,3)

Fr. Alzinir Francisco Debastiani OCD – 2010

Fonte: <http://www.slideshare.net/lucianodidimo/orao-caminho-para-a-perfeio-frei-alzinir>